

Vol 209
C. 15 mg 01

58/01/02
Tribuna da Imprensa

CAMINHOS E FRONTEIRAS

Muito se escreve sobre História do Brasil, pouco se trabalha com rigor neste campo, tanto que, sempre que alguém faz uma pesquisa a sério em qualquer setor destrói meia dúzia de lugares-comuns estabelecidos e descobre novidades sensacionais.

Do sr. Sérgio Buarque de Holanda se pode dizer, após a leitura deste magnífico volume "Caminhos e Fronteiras", que faz, realmente, trabalho de pesquisa histórica. Não se limita a escrever coisas sobre História do Brasil, como tanta gente faz, repetindo autores; o importante é que conhece os assuntos de que trata. Este volume faz parte destes livros, geralmente raros, nos quais aprendemos em tôdas as páginas. Não que trate de assuntos grandiloquentes — a boa historiografia é inimiga da eloquência —, cuida, mesmo, de temas humildes e domésticos. Principalmente de temas domésticos. Mas, como sabe coisas, como conhece o assunto de que trata, seja o uso do calçado, seja a exploração do mel, seja o emprêgo do milho! Fale de rêdes, de teares, de monjolos e, sempre, temos o homem que foi ver nos documentos, em todos os documentos, o que existe sobre a matéria. Em certos pontos, o leitor recorda-se de certa referência lida sobre o tema em debate, estranhando, quiçá, a não inclusão do documento ou da informação; súbito, no lugar mais apropriado, Sérgio Buarque de Holanda traz-nos a informação que parecia faltar.

Antes de chamar a atenção para alguns temas especiais, quero elogiar um aspecto metodológico importante: a referência ao autor estrangeiro, ao fato alienígena. A História do Brasil não é um setor isolado,

estranque; faz parte da História do Mundo. E se o nosso homem culto costuma nutrir um soberano desprezo pela História do Brasil, como se fôsse estudo subalterno, os historiadores de profissão, por outro lado, aferram-se demais aos nossos problemas e não olham em tôrno de si na apreciação de situações análogas. Assim, não poderemos jamais entender o "ciclo do ouro" sem estudar o "Golden Rush", da Califórnia, ou a colonização da Austrália. Iguualmente, sem o estudo da política inglesa vitoriana, não compreenderemos a História do Império. Ora, Sérgio Buarque de Holanda, ao tratar de monjolos, ou de qualquer outro assunto, vai procurar fora do Brasil a sua origem, as semelhanças existentes etc.

Findas estas observações gerais, cuidemos de alguns pontos que gostaria de discutir com Sérgio Buarque de Holanda.

Uma das primeiras revelações sensacionais deste livro vem logo no princípio: pág. 27 em diante. Os sertanistas andavam a pé e descalços, como os nossos caipiras, que, até hoje, andam pelas estradas com o calçado amarrado às costas e entrando nas cidades é que adotam o desagradável sapato. E, mesmo na rua, conservam a "fila indiana", o "caminho da roça", um atrás do outro. Esta observação, que podemos fazer hoje no interior, do calçado apenas como enfeite, e enfeite incômodo, vai ter as suas consequências muito sérias, mais sérias do que se pensa. A coisa é simples: os bandeirantes, se válidas, como suponho, as conclusões de Sérgio Buarque de Holanda, andavam descalços.

As "botas de sete léguas" de que fala o sr. Cassiano Ricardo não eram senão o resistente pé do caboclo. Ora, a iconogra-

fia tradicional mostra-nos os bandeirantes de grandes botas, e botas de montar, impraticáveis para andar em qualquer terreno mesmo no asfalto. Seria, pois, absurdo supor que os sertanistas andassem, atravessassem montes, vales e florestas com a decorativa, pôsto que incômoda, indumentária que os pintores, por motivos de ordem estética, os representam. Mas isto de quadros interessa aos críticos de arte e não aos historiadores.

Há, contudo, um fato que interessa aos historiadores, mal estudado até hoje: a Guerra dos Emboabas. Por que este nome? Os emboabas, como sabemos, alguns eram cidadãos portugueses recém-chegados do reino; outros, fazendeiros baianos que vinham tangendo seus gados pelos campos do rio São Francisco. Ora, os primeiros deviam usar calções e sapatos, como de costume no reino; os segundos, botas, talvez. Ora, os bandeirantes deviam estar de pé no chão. Isto não daria a chave do problema? Refiro-me ao nome que se atribuiu aos adversários dos paulistas na grande guerra. Aprovará Sérgio Buarque de Holanda esta conclusão?

Uma observação, agora, sem muito interesse histórico, mas desastrosa para os autores de romances históricos: não se andava a cavalo nas velhas terras de Piratininga. A serra de Cubatão era vencida em rêdes levadas aos ombros dos índios. Quantas cenas de romance não serão, agora, modificadas com isto... Aliás, o velho Feu de Carvalho, pesquisador mineiro muito sabedor de coisas antigas, mostrou que Felipe dos Santos não podia ter sido arrastado por cavalos bravos, em 1720, por vários motivos, um dos quais não haver cavalos nem mansos em Vila Rica...

Sérgio Buarque de Holanda faz, neste livro, a história e a etnografia da civilização paulista em suas origens, a influência indígena, os meios de transportes, os problemas das comunicações, as técnicas rurais e vários outros. Digo civilização paulista, pois mesmo os temas ligados ao sertão referem-se, direta ou indiretamente, à luta dos bandeirantes. Aliás, a civilização do planalto é ecumênicamente brasileira e não, firme, em S. Paulo. Como disse no princípio desta crônica, é imenso em quantidade e inestimável em qualidade o material recolhido neste livro.

Gostaria, porém, antes de concluir estas apressadas considerações, de anotar algumas observações em tôrno de um tema que a mania declamatória de nossos historiadores românticos tem andado a explorar largamente: o célebre alvará de d. Maria I, de 5 de janeiro de 1785, que proibia, na linha das chamadas "leis suntuárias", o fabrico de tecidos de luxo no Brasil, permitido o dos artigos baratos, para os índios, escravos e pessoas pobres. Este alvará foi transformado, pelos historiadores românticos, num símbolo de estagnação e proibições drásticas. Não se permitia o progresso do Brasil... Ora, Sérgio Buarque de Holanda põe as coisas em seus devidos têrmos: não foram destruídos teares, a não ser nos raros casos de produtores de artigos de luxo. A indústria popular permaneceu... Houve mais fumaça do que fogo.

Eis aqui "Caminhos e Fronteiras", um belo e formoso conjunto de dados da maior importância.

João Camilo de Oliveira Tôrres